

NOTAS SOBRE NIETZSCHE:

“Incursões de um Extemporâneo”

Miriam Barreto de Almeida Passos¹

RESUMO: A finalidade deste artigo é expor breves comentários do aforismo 1, presentes no capítulo, intitulado: *Incursões de um Extemporâneo*, escrito por Nietzsche, no livro *Crepúsculo dos ídolos*. O alvo principal é convidar o (a) leitor (a) a analisar conosco questões que estão em torno da filosofia *nietzschiana*, dos saberes filosóficos descritos em concisas notas, exploradas a partir da literatura veiculada em bases físicas e *online*. Após investigações sobre o tema em tela, concluímos que: compreender Nietzsche e as suas críticas não se baseia em questões de gosto, ou estilo, mas sobre elementos que têm centralidade, contexto, que passa pela história, político e meio social.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Notas. Incursões. Extemporâneo. Filósofos.

NOTES ON NIETZSCHE:

“Incursions of an Extemporaneous”

ABSTRACT: The purpose of this article is to expose brief comments on aphorism 1, presents in the chapter, entitled: “incursions of extemporaneous”, written by Nietzsche, in the book *Twilight of the idols*. The main aim is to invite the reader to analyze with us issues surrounding Nietzschean Philosophy, philosophical knowledge described in concise notes, explored from the literature published in physical and online bases. After investigations on the subject in question, we concluded that: understanding Nietzsche and his criticisms is not based on questions of taste, or style, but on elements that have centrality, context, which passes through history, politics and social environment.

KEYWORDS: Nietzsche. Grades. Incursions. Untmely. Philosophers.

Delineando o caminho: primeiros apontamentos

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio do Sinos, *campus* São Leopoldo – Rio Grande do Sul. Área de Concentração: Linha II - Linguagem, Racionalidade e o Discurso da Ciência. Mestrado em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT - Portugal). Professora concursada da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: mirapassos@hotmail.com.

No aforismo 1, do livro *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*; capítulo IX, emergiram inquietações com relação às caracterizações empregadas por Nietzsche, aos quatorze autores descritos, em um único axioma. A partir das dúvidas, em torno dos argumentos nietzschianos, mergulhamos em leituras, para tentarmos entender o porquê de Nietzsche iniciar a máxima, denominando “meus impossíveis” e martela tantos filósofos, poetas, bons escritores; que, ao longo da história, tiveram e, até na hodiernidade (século XXI), têm relevância.

O texto não tem a pretensão de trazer respostas absolutas, entretanto de pensarmos em possibilidades de oferecer caminhos possíveis aos leitores, para exercerem conosco, o pensamento sobre as notas, no intuito de ampliarmos a discussão que não se esgota nessas impressões pessoais, sobre o “martelar nietzschiano”.

Para melhor situar a audiência, registramos a sequência das seções que articulam o *corpus* textual, e como estas estão divididas. A primeira seção do texto tem como título: **Delineando o caminho:** primeiros apontamentos; em continuação, a partir da literatura de textos físicos e *online*, de domínio público, descrevemos, concisamente, a biografia de cada autor, filósofo e/ou músico citado por Nietzsche, a saber: 'Sêneca'; 'Rousseau'; 'Schiller'; 'Dante'; 'Kant'; 'Victor Hugo'; 'Liszt'; 'George Sand'; 'Michelet'; 'Carlyle'; 'John Stuart Mill'; 'Les frères de Goncourt'; 'Zola'; e, ao término da tessitura, descreveremos as **breves considerações**, amparadas nas investigações literárias.

Esclarecidos os passos da escrita do texto e de como surgiu a produção, ponderamos que, no livro “Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo”, mais especificamente, no capítulo IX, intitulado: Incursões de um extemporâneo, aforismo 1, Nietzsche apresenta:

Meus impossíveis. - 'Sêneca': ou o toureador da virtude. - 'Rousseau': ou o retorno à natureza 'in impuris naturalibus'. - 'Schiller': ou o trombeta moral de *Säckingen*. 'Dante': ou a hiena que 'escreve poesia' nos túmulos. - 'Kant': ou 'cant' como caráter inteligível. - 'Victor Hugo': ou o farol no mar do absurdo. - 'Liszt': ou a escola da agilidade - com as mulheres. - 'George Sand': ou 'lactea ubertas'; em linguagem clara: a vaca leiteira com "belo estilo". - 'Michelet': ou o entusiasmo que despe a jaqueta... 'Carlyle': ou pessimismo como almoço mal digerido. -- 'John Stuart Mill': ou a clareza ofensiva. - 'Les frères de Goncourt': ou os dois Ajaxes em luta com Homero. Música de Offenbach. - 'Zola': ou "a alegria de cheirar mal". - 74.

Segundo dados de investigação, o aforismo descrito por Nietzsche, fora elaborado em meados de 1888, em *Sils-Maria*. Nesse ponto, abrimos um parêntese para descrevermos, resumidamente, sobre o local em que Nietzsche passou momentos de sua existência, em *Sils-Maria* e escreveu bons textos.

Em artigo publicado em *EL PAÍS*, Mário Vargas Llosa (2015, s/p.) apresenta que:

[...] no verão de 1879, Nietzsche era uma ruína humana. Sua visão se deteriorava rapidamente, as enxaquecas o atormentavam e as doenças o haviam obrigado a renunciar à sua cátedra na Universidade da Basileia, depois de lecionar ali por dez anos. Esta era na época uma remota região alpina no alto de Engadina², onde os forasteiros mal conseguiam chegar. Foi amor à primeira vista: ficou deslumbrado pelo ar cristalino, o mistério e o vigor das montanhas, as cascatas rumorosas, a serenidade de lagos e lagoas, os esquilos e até os enormes gatos monteses. Começou a se sentir melhor, escreveu cartas exultantes de entusiasmo pelo lugar e, desde então, voltaria por sete anos consecutivos a Sils-Maria nos verões, por temporadas de três ou quatro meses. Sempre tinha sido um bom caminhante, mas, aqui, andar, subir encostas íngremes, meditar em montes nevados, varridos pelos ventos, onde às vezes aterrissavam as águias, rabiscar os aforismos [...] se tornou uma forma de viver. Em Sils-Maria escreveria ou conceberia seus livros mais importantes, *A Gaia Ciência*, *Assim Falou Zaratustra*, *Além do Bem e do Mal*, *Crepúsculo dos Ídolos* e *O Anticristo*.

O lugar bucólico, localizado nos Alpes Suíços, e a casa onde Nietzsche instalou-se, passou a ser sede, museu, que leva o nome de Nietzsche, guardando objetos utilizados por ele, como, também, objetos do centro de documentação, na Universidade da Basileia.

Sils-Maria, paraíso dos Alpes Suíços, permitiu ao filósofo escrever entre outros textos, conforme já mencionado, *O Anticristo*, entretanto, foi o *Crepúsculo dos Ídolos* que acabou se tornando o resumo da filosofia nietzscheana; e *O Anticristo*, o primeiro livro do novo projeto.

Ao tratar sobre os *Meus impossíveis*, nos questionamos sobre pontos importantes, martelados por Nietzsche, no aforismo 1, e nas *Incursões de um extemporâneo*, registradas no texto *nietzschiano*, buscamos a partir do dicionário *online* as definições; encontrando que, no que se refere aos *Meus impossíveis*, denota a impraticabilidade de ações, que não condizem com o dado contexto, com uma dada época; já às *incursões* se

²A Engadina (em romanche: *Engiadina* - em francês: *Engadine* - em alemão: *Engadin*) é um vale alpino situado no leste do cantão dos Grisões, na Suíça. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Engadina>. Acesso em: 06/11/2021.

apresentam como: “invasão, ataque, tomada³”, e ao extemporâneo significa: “que acontece ou se manifesta fora ou além do tempo apropriado, ou desejável; ao tardio; que não é próprio, ou característico do tempo, ou do momento em que ocorre⁴”.

Dito isso, para melhor análise do que trata Nietzsche, conheceremos, nas próximas seções, alguns elementos que definem, marcando as produções e as personalidades dos filósofos, escritores; apresentados por Nietzsche, no livro “Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo”, mais especificamente, no capítulo IX, aforismo 1.

Portanto, registramos a biografia, de forma concisa, capturadas, conforme já citado anteriormente, do domínio público e/ou da literatura física, dos autores mencionados, no referido aforismo, seguindo a sequência estabelecida por Nietzsche.

'Sêneca'

Lúcio Anneo Sêneca nasceu em Córdoba - Espanha, (4 a.C. – Roma, 65), considerado como modelo de pensador estoíco⁵ durante o Renascimento; foi educado em Roma, estudou retórica ligada à filosofia. Em pouco tempo, segundo Lúcia Sá Rebello (2011, p.7), Sêneca “tornou-se advogado e ascendeu politicamente, passando a ser membro do Senado romano”. A notoriedade de Sêneca provocou o imperador Calígula, mas Rabello (2011) expõe que a salvação chegou à Sêneca, pois Calígula morreu antes. Sêneca mais tarde, foi o principal conselheiro de Nero e tentou “orientá-lo para uma política de justiça e de humanidade” (*ibidem*, p. 8). “[...] Escritor famoso, destacou-se por sua ironia” (*ibidem*, p. 9), dentre os textos, escritos por Sêneca, avultam-se: *Problemas naturais (Naturales quaestiones)*; os tratados *Da tranquilidade da alma (De tranquillitate animi)*; *Da vida retirada (De otio)*; *Da felicidade (De vita beata)*, além de outras obras consideradas mais profundas que “misturam elementos epicuristas com ideias estoicas e

³ Disponível em: dicio.com.br/incursão/. Acesso em: 07/11/2021.

⁴ Disponível em: dicio.com.br/extempraneo/. Acesso em: 07/11/2021.

⁵Os estoícos acreditavam em uma Divindade que determinaria o nosso fim. Todavia, essa Divindade, da mesma forma que os próprios estoícos, não era do tipo cordial. Ela era denominada *Logos*, ou *Mente*, e o caminho para a felicidade era tornar-se consciente do programa do *Logos* e concordar com a *Mente Divina* [...]. O estoíco mais famoso foi o imperador romano Marco Aurélio que escreveu *Meditações*, é uma sublimação perfeita do pensamento e da prática estoíca. “Tudo acontece para o melhor, e você pode normalmente esperar pelo pior” era a filosofia estoíca [...] Se você faz o seu melhor para este mundo e ainda assim falhou, que assim seja. Fazer o seu melhor é a própria recompensa (MANNION, 2005, p.49).

contêm observações pessoais, reflexões sobre a literatura e crítica satírica aos vícios da época” (*ibidem*, 2011, p.9).

Do ponto de vista de Rabello (2011, p. 12), Sêneca foi mestre na escrita filosófica, escreveu sobre a vida, a tranquilidade da alma, o ócio, o luto e a ira. Tratou sobre a moral, afirmando que a sua “vida dedicada aos estudos, conciliando-a com os deveres da vida pública” (p. 11) era o caminho mais apropriado, asseverando: “[...] que a felicidade se constrói através da razão, da retidão, da harmonia com o universo. [...] Defendia uma vida sem abusos para evitar as doenças do corpo e da mente”.

Em 65 houve uma conspiração contra o imperador Nero, Sêneca, entre outros envolvidos foram acusados. A conjuração foi revelada, e Nero ordenou a Pisão e líderes que cometessem suicídio. Sêneca, Marco Lucano e Petônio sofreram semelhantes desígnios. De saúde frágil e condenado à morte, Sêneca, após “acusado de participar na Conjuração de Pisão, em 65”, como já aludido, “recebeu de Nero a ordem de suicidar-se” (*Ibidem*, 2011, p. 10), passou por vários estágios na prática do suicídio, iniciando pelo corte dos pulsos, sangrando muito, mas terminou morrendo sufocado.

'Rousseau'

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo, crítico, nascido na França, foi influente pensador. Na tese de Mannion (2005, p. 103) a sinceridade de Rousseau chegou a chocar os franceses em seu tempo. Sua famosa obra *Confissões* é a destilação de uma vida inteira de filosofia, bem como uma biografia muito franca; obra que influenciou o Romantismo, que floresceu no início do século XIX. “Rousseau pregava pela causa da liberdade dos cidadãos e contra a teoria opressiva do direito divino da monarquia [...] acendeu a fogueira da insurreição que desencadeou a Revolução Francesa do século XVIII” (MANNION, 2005, p.104).

O referido filósofo é considerado rebelde para a sua época. Quando Nietzsche apresenta Rousseau, em seu retorno à natureza, diremos que o retornar não significa ir de encontro à sociedade, mesmo porque a sociedade se desenvolve independente da vontade do filósofo. O regresso à natureza refere-se à humanidade, aos valores individuais, emoções, liberdade do homem. Na filosofia de Rousseau, o homem possui uma natureza e as normas impostas pelo social tendem a afastar o ser humano de sua verdadeira

natureza sendo que o caminho para o saber é pelo sentimento, e não pelo progresso e pela razão.

'Schiller'

Johann Christoph Friedrich Schiller nasceu em 1759 e faleceu em 1805, escritor bastante conhecido e influente na literatura alemã. Teve vida relativamente curta; escreveu série de dramas extraordinários. Poeta admirável; editou periódicos literários, marcando a época e exercendo influência no teatro alemão. Por muitas vezes, foi nomeado como o *Shakespeare alemão*. Além de suas realizações literárias, foi um pensador formidável no campo da literatura filosófica. Entre 1791 e 1796, escreveu uma série de obras de cunho teórico; originais e bastantes sofisticadas. Esses escritos dizem respeito, principalmente, à estética, ética, metafísica, ontologia e teoria política. Seus ensaios ajudaram a talhar um dos períodos mais produtivos da filosofia alemã; desde então, eles têm servido como uma fonte significativa de visão filosófica de um praticante de estética do mais alto nível⁶ (SEP, 2021, s/p.).

'Dante'

Dante Alighieri, nasceu na Itália, em Florença (1265-1321), bastante conhecido por sua obra *A Divina Comédia*; divulgada no século XIV, o referido texto apresenta a abordagem do imaginário do Dante, sobre o inferno; descrevendo o purgatório e o paraíso de forma poética. Nesse sentido, as bases da obra colaboraram com o italiano moderno e diz muito da sua vida particular, cunhada, a partir das vivências e do imaginário extraordinário, que revela a relação do eu com o mundo.

Presse (2021, s/p.) descreve que Dante era de família rica, nunca precisou trabalhar para viver; foi exilado em Ravenna, morrendo em 1321. “Destacou-se na política, literatura, filosofia e cosmologia. Teve pelo menos três filhos com sua esposa, Gemma Donati, mas sua musa era outra mulher, Beatriz, que aparece em *A Divina Comédia* como guia para o céu”. Presse (2021), também, avulta que, na época do seu exílio, “um juiz ordenou que Dante e seus aliados fossem queimados vivos, caso tentassem retornar para Florença”.

⁶ *Stanford Encyclopedia of Philosophy (SEP)*. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/>. Acesso em: 10/11/2021.

Assim, *A Divina Comédia*, nada mais é que um grande acerto de “contas com muitos de seus inimigos; entre eles, o papa Bonifácio XIII, para quem reservou um lugar no inferno”.

'Kant'

Immanuel Kant, alemão, idealista nascido em 22 abril 1724, em Königsberg (Prússia oriental)⁷, na rua dos seleiros, onde seu pai exercia esse ofício. Filho de Johann Georg Kant, homem laborioso, honesto, que tinha horror à mentira, e de Anna Regina Reuter, mulher profundamente religiosa, que ministrou-lhe sólida educação moral e, antes de morrer, internou-o no *Collegium Fridericianum*, dirigido por Francisco Alberto Schultz – fervoroso adepto do pietismo -, Kant afirmava que seus antepassados provinham da Escócia e que seu pai escrevia o sobrenome com C (Cant), razão por que o filósofo decidiu adotar o K inicial, evitando que se pronunciasse *Tsant* (LEITE, 2020, p.23). Kant faleceu em 1804, filósofo conhecido pela obra: *Crítica da Razão Pura*. Na *Crítica da Razão Pura*, Immanuel Kant apresenta uma análise filosófica de grande envergadura.

Nesse caminho, Mannion (2005, p. 108) expõe:

Nós somente conseguimos alcançar *flashes* atrativos do mundo metafísico. De acordo com Kant, nunca podemos realmente compreender a verdadeira natureza do mundo material. Questões como a alma e a existência de Deus são desconhecidas e impossíveis de provar.

Kant buscou encontrar sentido entre os conceitos de ciência e fé, o aparente conflito que se alarga até os nossos dias. Além disso, o filósofo alemão “denominou o mundo que experimentamos por meio de nossos sentidos de *mundo fenomenal* e a realidade além dele de *mundo numênico*. A palavra alemã para isto é traduzida aproximadamente como “coisas em si mesmas” (MANNION, 2005, p.109).

'Victor Hugo'

Victor Hugo, estadista francês, nascido em 1802, falecido em 1885, poeta, dramaturgo, escreveu vários romances: *Os Miseráveis*, *O Homem que Ri*, *O Corcunda de Notre-Dame*, *Cantos do Crepúsculo*, entre outras boas obras. Foi um grande representante do Romantismo eleito para a Academia Francesa.

⁷ A provinciana cidade de Königsberg contava na época cerca de cinquenta mil habitantes.

Dilva Frazão (2021) revela que Victor Hugo recebeu o "*Lírio de Ouro*", prêmio máximo da Academia de Jogos Florais de Toulouse; também pelo restabelecimento da estátua do Rei Henrique IV, que foi derrubada na Revolução. Defensor do livre arbítrio, tanto na religião, quanto na política, Victor Hugo se proclama um liberal.

Separado de Adèle, com quem teve cinco filhos, passa a viver com a atriz Juliette Drouet, que foi sua companheira até a morte. Victor Hugo se torna o mais famoso poeta e prosador do Romantismo francês. Grande defensor das novas ideias do Romantismo.

'Liszt'

Franz Liszt, músico húngaro do século XIX, nasceu em 22 de outubro de 1811, na cidade de Raiding; que hoje faz parte do território austríaco, reconhecido como um dos maiores pianistas de sua época, e ousado compositor, criativo, foi regente e professor de música. Conhecido, também, como Don Juan e querido por Ludwig van Beethoven.

Liszt revolucionou o mundo da música, estabelecendo ideias que ainda são atuais. Recebeu as primeiras aulas de piano de seu pai, Adam Liszt, que trabalhava para a família do Príncipe Esterházy, e fez de tudo para facilitar o talento do pequeno Franz. Foi aclamado como prodígio desde cedo e, em 1820, um grupo de magnatas húngaros ofereceu-se para bancar seus estudos. Os Liszt foram, então, morar em Viena; foi aluno de Carl Czerny, ex-aluno de Beethoven, e Antonio Salieri; o renomado rival de Mozart. Lá o pequeno chamou a atenção do público local e até mesmo do próprio Beethoven.

Em 1833, Liszt conheceu e se apaixonou pela condessa Marie d'Agoult, com quem teve três filhos. No período em que viveram juntos, moraram na Suíça e em Roma, e Franz concentrou-se na composição e em escrever memórias de suas viagens, que foram publicadas nos jornais de Paris. A relação do casal terminou em 1844; e alguns anos depois ele se apaixonou pela princesa Carolyne von Sayn-Wittgenstein, com quem viveu em Weimar, na Alemanha⁸.

'George Sand'

⁸Biografia de 'Liszt' com pequenas modificações. Material completo disponível em: <https://institutoling.org.br/explore/franz-liszt>. Acesso em: 16/11/2021.

George Sand⁹ (1804-1876) usava pseudônimo masculino para poder publicar suas obras e ser tão respeitada, quanto os escritores homens daquela época. George Sand era, então, o pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin; escritora romancista e memorialista francesa que se tornou a mais popular do século XIX.

Amandine Aurore Lucile Dupin nasceu em Paris - França, no dia 1 de julho de 1804. Filha de Maurice e Sophie Dupin; ficou órfã de pai, ainda criança, quando ele caiu de um cavalo no momento que acompanhava o príncipe Murat, em uma campanha armada. Amandine teve a guarda disputada entre a avó e a mãe. Passou sua infância e juventude na casa da avó Marie Aurore de Saxe, que era neta do conde Maurício de Saxe, filho bastardo de Augusto II, rei da Polônia, com sua amante, condessa Maria Aurora von Könnigsmark.

Amandine cresceu na aldeia de Nohant, aprendeu a amar a natureza, sentimento que mais tarde expressou em suas obras. Preocupada com o comportamento e a educação da neta, em 1817, Sand foi levada para o Convent des Anglaises, em Paris. Nesse período, criou algumas peças, para representar com as amigas. Permaneceu na escola até 1822, após a morte de sua avó, voltou à Nohant, Amandine casou-se com o Barão Casimir Dudevant, com quem teve dois filhos – Maurice e Solange. Nove anos mais tarde ela se separou do marido, mudando para Paris, onde se tornou amiga de Henri de Latouche, diretor do jornal Le Figaro.

O seu grande romance *Indiana* foi inspirado na experiência da vida matrimonial, em que faz uma defesa da liberdade da mulher, na escolha da própria vida. A obra lhe proporcionou fama imediata e muita polêmica.

George Sand, teve sucesso com suas obras, como também, numerosos casos de amor que trouxe fama, e escândalos, fazendo circular pelos arredores de onde era conhecida. Viveu sucessivamente, e durante anos com homens nos quais encontrou motivo de admiração, como os escritores Prosper Mérimée e Alfred de Musset.

Sand tinha hábitos incomuns para a época. Enquanto as mulheres da mesma posição social, se vestiam com espartilhos, saias e anáguas, ela preferia calças e camisas.

⁹ Biografia de George Sand com pequena modificação. Dados completos disponível em: https://www.ebiografia.com/george_sand/. Acesso em: 18/11/2021.

Além disso, tinha o costume de fumar em público, ato inaceitável para uma mulher do seu tempo.

'Michelet'

Historiador francês, nascido em Paris, Jules Michelet foi considerado um dos maiores historiadores de todos os tempos; conhecido como o primeiro historiador a afirmar que não eram as grandes personalidades e sim, as massas, os principais agentes das mudanças sociais. Filho de um tipógrafo modesto, nasceu, pouco após a Revolução Francesa, que marcou a transição da Idade Média, para a Modernidade. Começou a escrever seus primeiros livros, antes mesmo de se formar em Letras (1817), e a lecionar na Escola preparatória. Nomeado diretor do setor de história, dos arquivos nacionais, (1834) passou a ensinar no Collège de France (1838).

Foi perseguido por suas ideias liberais e seu posicionamento contrário ao império; acabou preso em 1851, e perdeu os cargos públicos. Voltou-se, então, inteiramente ao trabalho de historiador até seus últimos dias, em Hyères.

Em suas obras, destacaram-se: *Tableau chronologique de l'histoire moderne* (1825), *Précis de l'histoire moderne* (1827), *Histoire de France* (1833), primeira parte, *Histoire de la révolution française* (1847-1853) e *Histoire de France* (1855-1867), segunda parte, além de obras líricas e de trabalhos satíricos tais como, *Les Jésuites* (1843) entre outros. Para o escritor francês, Victor Hugo, Jules Michelet foi o decifrador das grandes esfinges da História.

Uma das grandes marcas do trabalho de Jules Michelet foi o destaque que ele dava a personagens que, até então, eram desprezados pelos historiadores. O povo, em sua obra, deixa de ser o mero espectador dos acontecimentos, e se torna um agente importante da história.

Na obra, *O Povo*, publicada em 1846, Jules Michelet analisa as características do povo francês, e propõe soluções para a conturbada situação, no resgate dos valores populares. Ele justificava essa simpatia pelo povo por causa de sua história pessoal. Sua família tinha origem humilde. Michelet chegou a passar fome na infância. "Para conhecer

a vida do povo, seus trabalhos e sofrimentos, foi-me suficiente interrogar minhas recordações", escreveu ele no prefácio de "O Povo".¹⁰

'Carlyle'

Thomas **Carlyle** nasceu em Londres, 1795, foi historiador, escritor, ensaísta. Carlyle caracterizou a economia, nomeando-a de "ciência sombria". Autor polêmico, foi grande comentarista social.

Homem de infância pobre, ingressou na Universidade de Edinburgh, e mergulhou nos estudos, motivado por intensa e contínua curiosidade intelectual, dedicou-se a exaustivo e completo estudo da literatura, e da filosofia alemã. Talvez tenha nascido, nessa época, o germanismo de Carlyle; uma das principais características do seu caráter, e da sua obra de historiador e ensaísta.

Em 1823 publica, *A vida de Schiller*. Em seguida, divulga seu primeiro romance humorístico, *Sartor Resartus*, que foi um sucesso.

No verão de 1834, começa a escrever *A Revolução Francesa*; obra na qual considera que a revolução foi uma punição de Deus, pelos pecados da França. Em 1843, publica *Passado e presente*; livro em que condenará o liberalismo econômico, defendendo um retorno da sociedade ao mundo medieval. No ano de 1845, reabilita a figura de *Cromwell, com suas Cartas e discursos*, defendendo sua visão da história, como "sucessiva biografia dos seus grandes homens".¹¹

'John Stuart Mill'

John Stuart Mill nasceu no ano de 1806, e faleceu em 1873; com 67 anos; filósofo inglês, um dos mais influentes pensadores do século XIX. Responsável por lançar as bases da revisão do utilitarismo, como ideologia suprema; dedicou-se ao estudo de numerosas questões sociais de seu tempo. Nasceu em Pentonville, no subúrbio de Londres - Inglaterra, em 20 de maio de 1806. Era o filho mais velho do filósofo, e economista escocês, James Mill. Publicou *Sistema de Lógica* (1843), e sua principal obra filosófica

¹⁰ Dados disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 18/11/2021.

¹¹ Dados disponíveis em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/thomas-carlyle.htm>. Acesso em: 18/11/2021.

foi o método indutivo; em que escolheu como instrumento científico de conhecimento. Mill afirmou que a dedução não é mais que uma manifestação generalizada, dos mecanismos indutivos do pensamento. Com certa preocupação materialista, verificada na sua explicação associacionista, de toda a vida psíquica, que: “A matéria reduz a possibilidade permanente de sensações e o espírito a uma possibilidade permanente de estados de consciência¹².”

'Les frères de Goncourt'

Edmond Louis Antoine Huot de Goncourt, mais conhecido como Edmond de Goncourte, Jules Alfred Huot de Goncourt; eruditos, dois escritores franceses, Edmond nasceu em Nancy, em 26 de maio de 1822, e seu irmão, Jules Alfred nasceu em Paris, em 17 de dezembro de 1833. Uma das mais célebres duplas de historiadores da literatura francesa. Pertencentes a uma família abastada; filhos de Marc Pierre Huot de Goncourt, e de Annette Cécile Guérin.

A vida dos dois irmãos estava intimamente unida na partilha das produções literárias, sendo difícil iniciar o que pertence a cada um, antes da morte do mais jovem. Netos de um deputado da terceira Assembleia Nacional de 1789, mas apegados à sua partícula, e à sua ascendência; tendo ao menos toda a graça e requinte. Os irmãos Goncourt iniciaram-se na literatura em 1851; do período de 1851 até 1860 eles se reservaram, quase exclusivamente, para o estudo dos costumes e ideias do século XVIII.

¹²Dados biográficos de John Start Mill, com pequenas modificações, material disponível em: https://www.ebiografia.com/john_stuart_mill/. Acesso em: 24/11/2021.

Dentre os principais romances da dupla, destacam-se *Soeur Philomène* (1861), *Renée Mauperin* (1864), e *Germinie Lacerteux* (1864); pontos de partida para o nascimento do naturalismo. Os irmãos também criaram o *Journal* (1851), cuja publicação foi continuada pelo irmão Edmond, após sua morte. Jules morreu em Auteil, e foi enterrado no Cimetiere de Montmartre, Paris, França. Edmond deu toda sua fortuna para a Fundação e manutenção do Académie Goncourt, que criou o anual *Prix Goncourt* (1903); o prêmio mais prestigioso em Literatura Francesa, designado ao autor de melhor e mais imaginativo trabalho de prosa do ano. O primeiro premiado foi John Antoine Nau, com o romance: *Force ennemie* (1903).¹³ Destarte, a disposição testamentária do Sr. Edmond de Goncourt institui a Academia, que levou seu nome, e movimentou literatos e artistas.¹⁴

'Zola'

Émile Zola foi romancista, crítico, e ativista-político francês; considerado um dos maiores escritores, do final do século XIX. Émile Édouard Charles Antoine Zola nasceu em Paris, em 2 de abril de 1840. Seu pai era engenheiro civil, de ascendência italiana; trabalhava no sul da França, onde ele viveu sua juventude. Depois da morte do pai, em 1847, Émile Zola e sua mãe ficaram em situação difícil. Aos 18 anos, ele voltou para Paris, a fim de completar os estudos. Foi colega de Paul Cézanne, que com seu empenho, tornou-se um grande pintor. Cézanne o apresentou a outros artistas, entre eles: [Édouard Manet](#), e os pintores que eram qualificados de [impressionistas](#).

Zola passou períodos de grande pobreza; sobrevivendo com a penhora de seus poucos bens e; segundo a lenda, comendo pardais que caçava com armadilhas, na janela. Em 1862, com 22 anos, começou a trabalhar no escritório da editora Hachette. Para completar a renda, escrevia artigos sobre atualidades, para diversos periódicos; mas não deixou de escrever ficção; passatempo que tinha desde criança.

Em 1865, Zola publicou seu primeiro romance, *A confissão de Claude*; um relato parcialmente autobiográfico, que chamou a atenção do público, mas desagradou a seu

¹³ Disponível em: <http://biografias.netsaber.com.br/biografia-2419>. Acesso em: 24/11/2021.

¹⁴ Disponível em: Charles Le Goffic, artigo "Goncourt", *La grande encyclopédie* (1885-1902) - domínio público. Acesso em: 24/11/2021.

padrão. Sem condições de sustentar, modestamente, a si e à mãe; Zola deixou o emprego e se dedicou a escrever artigos para jornais, e à Literatura.

Após sua morte, Zola foi considerado, não só um grande escritor; como também um homem de ação, e um defensor da verdade, e da justiça. Seus restos mortais foram transferidos para o Panteão de Paris, em 1908, ficando, ao lado dos túmulos de Voltaire, Rousseau, e Victor Hugo; autores franceses cujas obras e feitos, como os de Zola, mudaram a [história](#) da França, e influenciaram o modo de pensar de pessoas no mundo todo.¹⁵

Após os concisos compilamentos das biografias dos autores, citados em parágrafos anteriores; apresentaremos as *breves considerações*, em torno do aforismo nietzschiano, desejando que o (a) leitor (a), a partir das chaves de leituras propostas nesse artigo, possa iniciar a busca por outros saberes sobre a filosofia de Nietzsche, pois como “afirma Platão, uma obra é um mestre que fala, mas não responde” (JÚNIOR, 2019, p.12). Uma obra nunca está completa, ela abre portas, interrogações, às vezes agrada, às vezes inquieta; por isso, cabe ao leitor realizar o exercício do pensamento, e buscar novas investigações para que os espaços vazios sejam preenchidos com novas ideias.

Breves considerações

Principiamos o texto, apresentando as considerações primeiras sobre a produção, como foi pensada; a partir do aforismo 1, do capítulo IX *Incursões de um extemporâneo*; retirado do livro *Crepúsculo dos Ídolos*; com a finalidade de pensar, e argumentar sobre as caracterizações utilizadas, por Friedrich Wilhelm Nietzsche; no referido aforismo.

Após as leituras e investigações realizadas, em torno do pensamento de Nietzsche, e das resumidas biografias, cunhadas na tessitura, dos fios que compõem o texto em tela, questionamos: Por que **Sêneca** foi apresentado por Nietzsche, como “o toureador da virtude”? Por que Nietzsche liga **Rousseau** ao retorno “à natureza, *in impuris naturalibus*”? Por que Nietzsche caracteriza **Schiller**, como o “trombeteiro moral de *Säckingen*”? Por que Nietzsche descreve **Dante**, como “a hiena que 'escreve poesia'; nos túmulos”? Por que Nietzsche denomina **Kant**, de “inteligível”? De onde parte a ideia

¹⁵Dados, coletados e com pequenas modificações; disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/%C3%89mile-Zola/483653>. Acesso em: 24/11/2021.

nietzscheana de que **Victor Hugo** pode ser classificado, como o “farol no mar do absurdo”? Por que Nietzsche personaliza **Liszt**, como a “escola da agilidade - com as mulheres”? Qual a relação de **Sand**, com “a vaca leiteira”? Por que, além de vaca leiteira, Nietzsche a descreve como “belo estilo”? Qual a relação de **Michelet**, com o “entusiasmo que despe a jaqueta”? De que maneira, podemos analisar o “pessimismo como almoço mal digerido”, na história de vida de **Carlyle**? Por que **John Stuart Mill** é caracterizado por Nietzsche, como “a clareza ofensiva”? Nietzsche compara os irmãos **Goncourt** aos “Ajaxes¹⁶, em luta com Homero”. Qual a razão dessa comparação? **Zola**, é caracterizado por Nietzsche, de “a alegria de cheirar mal”, por quê?

Essas, e inúmeras outras questões, e porquês, constituem um vasto campo para profundas reflexões, em torno do pensamento nietzscheano. A princípio, ao pensar sobre os questionamentos iniciais, discutiremos que para Nietzsche, *'Sêneca'* é considerado o toureador da virtude”, pois embora tivesse sua competência escritora, e filosófica; estava fora de seu tempo, pois pregava, corria, ou lidava em prol da defesa da virtude; enfim a perseguia-a, “toureava com grandes figuras de sua época”, utilizava suas ideias, mas não conseguiu êxito, pois estava “fora de seu tempo”.

Do mesmo modo, “fora de seu tempo”, considerado por Nietzsche, estavam os demais filósofos; incluindo, **Rousseau** e o retorno à natureza *'in impuris naturalibus'*, pois Nietzsche não compactuava com as ideias de Rousseau. O filósofo foi considerado rebelde para seu tempo, e, quando Nietzsche apresenta Rousseau, em seu retorno à natureza; podemos dizer que o retornar não significa ir de encontro à sociedade; mesmo porque ela se desenvolve independente da vontade de qualquer filósofo. Por certo, Rousseau exerce influência; mas, apesar das influências, o movimento de mudanças constitui a base da vida. “Nada existe de permanente a não ser a mudança¹⁷”, diz “Heráclito que viveu cerca de 500 anos, antes de Cristo, e antes mesmo, da época de Sócrates” (*ibidem*, 29/11/2021), foi inspirador nietzschiano.

No que se refere à *'Schiller'*; ou ao trombeteiro moral de *Säckingen*, Nietzsche também objurga as ideias de Schiller pelas séries, ensaios e dramas; escritos por Schiller,

¹⁶Ajaxes – significado e origem: A origem é grega e quer dizer: “o que lamenta”. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Ajaxes&biw>. Acesso em: 24/11/2021.

¹⁷ Frase disponível em: <https://www.sindimetalrs.org.br/nada-e-permanente-exceto-a-mudanca/>. Acesso em: 29/11/2021.

que ajudaram a talhar um dos períodos mais produtivos da Filosofia alemã. Para Nietzsche, a moral de Schiller constitui a moral de rebanho.

Nos argumentos de Oliveira (2003, p. 58), qualquer “interpretação equivale a uma “classificação hierárquica dos instintos e dos atos humanos” e, tal como foi na história da cultura ocidental”; nesse sentido, o valor moral tem sua utilidade em qualquer época; bem como sua finalidade “em função da conservação da vida de uma determinada forma de comunidade, fazendo com que a moralidade tenha sido até aqui “o instinto gregário no indivíduo” (p. 59).

Ainda nesse viés, Martins (2019, s/p) expõe:

Nietzsche desenvolveu o conceito de moral do rebanho para explicar uma dada realidade. [...] Para Nietzsche o rebanho respira obediência, isso historicamente, genealógicamente, se constrói, por meio de jogos de forças, Marx vai chamar de lutas de classes, uma moral doutrinária e doutrinadora, que rege as relações de dominação sob as quais se desenvolve a vida em sociedade é, então, a partir das disputas de poder que se forjou a moral do rebanho: ressentimento. [...] A partir desses fragmentos da visão filosófica nietzschiana, podemos vislumbrar com mais clareza, [...] analisar os porquês do seu ódio contra a educação, contra a escola e principalmente contra a Universidade. Dado que dessas instituições advém o conhecimento científico, a razão libertadora do obscurantismo, da moral do rebanho, moral do escravo. Cumpra a esse tipo de escravo do sacerdócio religioso atacar mortalmente aquilo que liberta, que traz luzes, felicidade e desconstrói o charlatanismo, o obscurantismo e a idiotia.

Ainda sobre a moral, Nietzsche, por sua vez, rejeita a produção de **Dante**, descrevendo-o, como a hiena, que 'escreve poesia', nos túmulos, pelo estilo empregado por Dante, nas suas obras, e, por revelar ideias de valoração moral no obscurantismo.

No que diz respeito à “**Kant**, ou ‘Cant’ como caráter inteligível”, na perspectiva nietzscheana, acreditamos que o cerne da questão passa pelo fato de Kant buscar encontrar sentido, entre os conceitos de ciência, e fé, o aparente conflito que se alarga até os nossos dias. Feiler, (2011, p. 50), expõe que, em “Kant: a legitimação da moral num mundo suprassensível, a defesa de interesses gregários e a separação entre saber e crença, leva a uma exclusão das questões morais”. Além disso, nas escritas nietzschianas, encontramos na obra *Humano, demasiado humano* (1878), a crítica de Nietzsche à Kant:

[...] nesta obra Nietzsche passa a criticar de maneira severa a metafísica, incluindo a filosofia transcendental de Kant e Schopenhauer. Tal crítica ocorre em relação a diversos aspectos da filosofia transcendental como

a liberdade inteligível, a compaixão schopenhaueriana, o imperativo categórico de Kant, o mal radical, a culpa, etc. Nietzsche também não deixa de criticar umas das mais importantes bases da filosofia transcendental: a dualidade entre fenômeno e coisa em si.

Na sequência dos argumentos, Nietzsche, ao conhecer as obras de **Victor Hugo**, consagra-o como “o farol no mar do absurdo”, por acreditar que o tipo de literatura apresentada por Victor Hugo, está fora do seu tempo; pois o tempo que Nietzsche anuncia está além.

Na descrição sobre o estético, Nasser (2009, p. 37) apresenta, em nota de rodapé, o relato que Nietzsche faz em torno do estético, e do estilo, de Victor Hugo:

Em Victor Hugo, essa vontade estética está em acordo com suas escolhas políticas e morais: ele é trivial e demagogo, ele rasteja diante de toda fala dura e de toda pose enfática: adulator da plebe, ele toma a voz de um apóstolo para se dirigir aos inferiores, aos oprimidos, aos mal nascidos, ele que não tem a menor ideia do que é disciplina e lealdade de espírito, do que é a consciência intelectual – é em suma um ator inconsciente, como quase todos os artistas do movimento democrático.

Por sua vez, ao ler a biografia do músico **Liszt**, argumentamos que Nietzsche define Liszt, como a “escola da agilidade, com as mulheres”; talvez pelas quantidades de amores vivenciados por Liszt, e quiçá, do ponto de vista nietzschiano, o vínculo do virtuosismo de Liszt, a quem o filósofo admirava como músico e, principalmente, como compositor, com o seu lado “mulherengo-conquistador”. Quem sabe resida justamente aí, ou seja, nessa relação artista-sedutor, as características do Romantismo a que o filósofo tanto se opôs.

Ademais, Nietzsche não admitia, também, o comportamento de **George Sand**, que adquiriu fama pelo sucesso de suas obras; bem como pelos numerosos casos de amor; pois George Sand viveu sucessivamente, e durante anos, com vários homens, nos quais encontrou motivo de admiração. No entender nietzscheano, “ela se dava corda como a um relógio – e escrevia... Fria como Hugo, como Balzac, como todos os românticos; assim que se punham a criar¹⁸”.

¹⁸ Trecho retirado do Aforismo 6. *Crepúsculo dos Ídolos* – IX incursões de um extemporâneo.

Confiamos que, '**John Stuart Mill**': ou a “clareza ofensiva”, não estava de acordo com o pensamento nietzscheano, pelas escolas, e defesa em torno da filosofia pensada genealógicamente, por Nietzsche.

No caso dos irmãos, '**Les frères de Goncourt**': ou o que Nietzsche classifica como os “dois Ajaxes em luta com Homero”; nas investigações sobre os irmãos de Goncourt, Nietzsche atribui Ajaxes pela escrita lamentativa dos Goncourt. Do ponto de vista nietzscheano, os Goncourt “não alinham três frases que não incomodem o olhar, o olhar do *psicólogo*. – Avaliada artisticamente, a natureza não é um modelo.¹⁹”. Em sequência, do mesmo livro em análise, no aforismo 8, capítulo IX, Nietzsche revela que a arte do psicólogo é movida pela embriaguez. Pela embriaguez se atinge a totalidade, a energia, a plenitude.

Ao descrever **Zola** como "a alegria de cheirar mal". Cremos que o porquê passa, sobretudo, por Zola no período de grande pobreza, e, segundo a lenda, ter comido pardais que caçava com armadilhas, na janela, para vencer a fome.

Compreendemos que, todos os filósofos, poetas, escritores, relacionados por Nietzsche no aforismo 1, do referido capítulo, do livro *Crepúsculo dos Ídolos*, não agradam, pois os seus escritos estão “fora do seu tempo”; estão “além do tempo apropriado ou desejável”, e, Nietzsche ataca-os, martela, defendendo com afinco o seu ponto de vista, sobre os clássicos e criticando o romantismo.

Na ótica de Feiler, (2011, p. 44), Nietzsche “inaugura um procedimento inédito na história da filosofia, a genealogia, verdadeiro método diagnosticador dos valores. Ao trilhar as sendas da genealogia, Nietzsche percebe que tudo até então na cultura do ocidente tem se estruturado sobre bases equivocadas”. Além disso, para Nietzsche “a moralidade é o instinto de rebanho no indivíduo” (p. 49). Como afirma Rodrigues, “a questão central no pensamento de Nietzsche é da verdade [...] diferente de todos os filósofos mais importantes, por não propor uma epistemologia com base em definir critérios do que seria efetivamente falso e verdadeiro no conhecimento” (p. 469). E acrescenta:

O pensamento nietzschiano vem então denunciar que o conhecimento, ao longo da história da filosofia, foi pensado como distante da moral, o que é um equívoco. Isso aconteceu, pois, a ideia era da razão dominando

¹⁹ Excerto retirado do Aforismo 7. *Crepúsculo dos Ídolos* – IX incursões de um extemporâneo.

tudo e a todos, como “comandante suprema” da vida dos homens como se ela detivesse toda as verdades que o homem necessitasse, independente da moral que existiria em outra esfera, mas não na teoria do conhecimento. Nietzsche então demonstra que o conhecimento só é possível junto da moral, pois são intrinsecamente ligados. Nem mesmo a filosofia escapa do projeto moral (p. 470).

Em conclusão, acreditamos que, as **NOTAS SOBRE NIETZSCHE: “INCURSÕES DE UM EXTEMPORÂNEO”**, foi uma tessitura provocativa e, ao mesmo tempo, convidativa; para que os leitores mergulhem nas ideias nietzscheanas; compreendendo, com mais amplitude, suas críticas em torno dos escritos dos filósofos, músicos, escritores, poetas; que o antecederam e/ou fizeram parte de seu entorno; despontando novas ideias em torno das *Incursões de um extemporâneo*. Mesmo porque, compreender Nietzsche e as suas críticas não se baseia em questões de gosto, ou estilo; mas sobre elementos que têm centralidade, contexto, historicidade, e que são, de certa forma, recorrentes no seu pensamento maduro. Como afirma Paul Valadier (2011) “Nietzsche propose à son lecteur d’enter dans um labyrinthe où il se perd, car paradoxalement le philosophe écrit pour ne pas être compris, comme il le dit lui-même à plusieurs reprises dans des passages célèbres”²⁰ (Nietzsche convida o leitor a entrar em um labirinto onde ele se perde, porque paradoxalmente o filósofo não escreve para ser compreendido).

Referências

DUPRÉ, Bem. **50 ideias de Filosofia que você precisa conhecer**. *50 philosophy ideas you really need to know*. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. – 1, ed. – São Paulo: Planeta, 2005.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Victor Hugo**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/victor_hugo/. Acesso em: 07/10/2021.

²⁰ Tradução nossa, “Nietzsche convida o leitor a entrar em um labirinto onde ele se perde, porque paradoxalmente o filósofo não escreve para ser compreendido”. Exceto, retirado do prefácio do livro, FEILER, Adilson Felício. **Nietzsche: sujeito moral e cultura cristã**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

FEILER, Adilson Felício. **Nietzsche**: sujeito moral e cultura cristã. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

GIACÓIA, Oswaldo Júnior. **Professor explica por que ler Nietzsche**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/937962-professor-explica-por-que-ler-nietzsche.shtml>. Acesso em: 30/11/2021.

JÚNIOR, Léo Peruzzo (org.). **O Futuro da Filosofia**. Curitiba: CRV, 2019.

LLOSA, Mário Vargas. **Nietzsche em Sils-Maria** - O filósofo acreditava que apenas o ser humano independente fazia o progresso. Artigo disponível em EL PAÍS, publicado em 26 JUL 2015 - 14:23 BRT: <https://brasil.elpais.com/brasil>. Acesso em: 07/11/2021.

LEITE, Flamarion Tavares. **10 Lições sobre Kant**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

MANNION, James. **O Livro Completo de Filosofia**: entenda os conceitos básicos dos grandes pensadores. Tradução Fernanda Monteiro dos Santos. São Paulo: Madras, 2005.

MARTINS, Eduardo. **A moral do rebanho contra a educação** (publicado em 2019). Disponível em: <https://jomaldanova.com.br>. Acesso em: 28/11/2021.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos**, ou como se filosofa com o martelo; tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Nascimento da Tragédia** ou Helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1192.

NASSER, Eduardo. Romantismo em Nietzsche enquanto um problema temporal, estético e ético. **Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche** – 2º semestre de 2009 – Vol.2 – nº2 – pp.31-46 31.

OLIVEIRA, Joelson. A MORAL COMO INTERPRETAÇÃO: a crítica nietzschiana à moral de rebanho. *The moral as interpretation: the critical nietzschiana to the flock moral*. **Revista de Filosofia**, Curitiba, v.15 n.16, p. 57-64, jan./jun. 2003.

PRESSE, France. **Cinco curiosidades sobre Dante Alighieri, 700 anos após sua morte.** Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021>. Acesso em: 06/11/2021.

PEREIRA, Thiago Rodrigues. **NIETZSCHE E SUA FILOSOFIA DO MARTELO.** Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br.pdf>. Acesso em: 24/11/2021.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/>. Acesso em: 06/11/2021.

SANTI, Alexandre de. O mapa do inferno de Dante - Uma reflexão profunda sobre o que acontece após a morte - e a obra-prima que fundou o humanismo. **Revista Super Interessante**, 27 out 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/o-mapa-do-inferno/>. Acesso em: 29/11/2021.